



SER OU NÃO SER: RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FICÇÃO

Andréa Costa de Andrade¹
Rita de Cássia da Silva Cardoso²
Manuela Gomes Batalha³
Maria Eduarda Delduque Pereira⁴

RESUMO

Os estudos de gênero e sexualidade, sempre permeiam interrelações entre os indivíduos, incluindo as relações de poder, as relações sociais e de identidade. O campo de discussão em torno das questões de gênero e sexualidade necessita vislumbrar as diversidades seja diante dos universos dos feminismos, das masculinidades ou não-binárias. Nessa óptica, a ficção muito bem tem dialogado sobre estas temáticas, permitindo com leveza dar asas a imaginação e a consciência de que a diferença existe e cabe cada um aceitá-la na tentativa de ser aceito. Portanto, é objetivo deste ensaio, dialogar sobre os temas que permeiam as relações de gênero, utilizando a metodologia das artes cênicas, uma vez que a ficção permite uma troca de subjetivação entre o autor e o espectador. Como resultados percebem-se, via crítica cinematográfica, a construção de ideologias, algumas ainda arraigadas as sociedades tradicionais, digam-se, as machistas. Contudo, a visão da sociedade tem se modificado. O capitalismo exige a produção e a mulher está inserida neste contexto. Conclui-se que as ideias, assim como as artes, como o cinema, são importantes para entendermos como as “coisas” se reproduzem, temos que saber das “coisas” para podermos lutar por transformações, para mudar a vida das mulheres, dos homens, ou de qualquer indivíduo independente de orientação sexual, a identidade sexual ou de gênero como resultado de formas variáveis socialmente de desempenhar um ou vários papéis sexuais.

Palavras-chave: Relações de gênero; Papeis sexuais; Ficção.

INTRODUÇÃO

Os estudos de gênero e sexualidades, cada vez mais vêm se firmando como forma de entender as relações sociais de poder que existem em nossa sociedade, com disputas e conflitos socioculturais, e formas diversas de ver o mundo. Nesse contexto, campo do estudo de gênero vem tão somente a contribuir para a compreensão de que a cultura e a identidade humana devem ser vistas, a partir de uma perspectiva de relativismo cultural e do entender outro numa perspectiva da alteridade e da diversidade. O campo de discussão em torno das

¹Doutora pelo Curso de Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, andrea.andrade113@gmail.com;

²Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, ritadecassiacardoso@hotmail.com;

³Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, manuelagomesbt@gmail.com;

⁴Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, eduarda_delduque@hotmail.com.



questões de gênero e sexualidade defronta-se com a afirmação das diversidades culturais, étnicas, religiosas, seja diante dos universos dos feminismos, das masculinidades ou ainda numa visão *queer*.

Por exemplo, presença de mulheres em diversos espaços da vida social tem sido significativa, mas em comparado aos homens há muito que se conquistar. Existe uma tendência em naturalizar os papéis femininos a desempenhar e estão relacionados á capacidade de procriar, de cuidar dos filhos, da casa e da família, como se a responsabilidade não devesse ser compartilhada. Nesse sentido, a divisão de papéis, torna-se extremamente penosa à maioria das mulheres. Sabe-se hoje que esses cuidados podem ser desempenhados tanto por homens e mulheres. E a mulher é tão capaz quanto o homem de exercer ocupações em condições de igualdade. Mas a questão é: As relações humanas precisam ser permeadas pela subjugação do outro?

Sobre este tema, a vida fictícia muito o debate. São comuns filmes que comentam e estimulam a capacidade do espectador em pensar sobre as questões de gênero e a subjugação ao outro. Cita-se aqui, um filme francês que aborda comicamente o assunto, o longa *metragem Eu não sou um homem fácil (2018)* da diretora Eleonore Pourriat, em francês, *Je ne suis pas un homme facile* que é uma trama que traz em si com humor e descontração, a guerra dos sexos da sociedade em que vivemos com o total intuito de chocar sutilmente quem o assiste.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada é da análise de filmes e sobre o discurso que estes filmes produzem, uma vez que o discurso sobre um determinado filme propõe de forma implícita talvez mais visível a crítica da subjetivação que o cinema produz. Qualquer espectador pode prover uma análise, do gosto ou do não gosto, mas sem dúvida a moral que almeja um conto não é uma atividade banal e praticada sem finalidade. O espectador sem que o mesmo se veja obrigado a seguir um determinado enfoque ou uma determinada metodologia, perante a profusão de discursos dos personagens dos filmes é imperativo, que distinga uma análise da crítica provida de imparcialidade com a finalidade de manter o teor do filme ou do conto.

Trata-se, portanto, de uma metodologia de análise de conteúdo. Este tipo de análise considera o filme como um relato e tem apenas em conta o tema do filme. A aplicação deste

tipo de análise implica, em primeiro lugar, identificar-se o tema do filme e o melhor modo para identificar o tema de um filme é completá-lo ou ainda compreender suas mensagens.

Aqui, descrevemos com maior veemência o filme *Eu não sou um homem fácil* (2018), por ter coragem em colocar em xeque a sociedade patriarcal, valorizando o matriarcado. O analista de conteúdo considera o filme como o resultado de um conjunto de relações e constrangimentos nos quais decorrem a sua produção e realização, de acordo com o seu contexto social, cultural, político, econômico, estético e tecnológico.

Cabe salientar que, por mais que muitos autores abordem a análise de conteúdo, até mesmo utilizando conceitos diferenciados e diferentes terminologias para as diversas etapas da técnica, neste ensaio teórico toma-se como base a conceituação de Bardin (2006). Bardin (2006, p.38) refere que a análise de conteúdo consiste em: um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção ou eventualmente, de recepção, inferência esta que recorre a indicadores quantitativos ou não.

Diante dessa diversificação e também aproximação terminológica, optou-se por elencar as etapas da técnica segundo Bardin (2006), o qual as organiza em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. O artista nos permite projetar nele nossa subjetividade, mesmo que seja de uma personalidade renegada como a Damien, machista, que acorda num mundo feminista. Favorecendo o alívio de nossas tensões a partir das projeções devidamente respaldadas, pelo imaginário estético que o filme proporciona.

A realidade cruel de Damien assemelha-se a loucura de Hamlet, ou a realidade cruel de Ofélia, a pretexto de desilusão consigo mesmo ou com a realidade que circunda. Romper com a realidade machista determina o momento de diferentes trajetórias, ou melhor, zerar a vida para uma nova realidade, deixando transparecer diferentes núcleos de personalidade existentes em torno do ser humano e que remete a Damien a um sentimento de castração, de um desejo que o remete a uma falta. Contudo, a falta é importante para que valorizemos o que realmente importa, leva a descoberta do ser e do não ser. O delírio de nossa personagem, ao bater a cabeça permite sua construção, sua transformação enquanto sujeito, uma vez que o “raciocínio seco mata a imaginação” (CHEKHOV, 1996, p.29).



DESENVOLVIMENTO

O fato do quanto é difícil para as mulheres viverem em nossa sociedade patriarcal e machista. O longa metragem conta a história do personagem Damien (Vicent Elbaz), um rapaz chato e machista, além de um típico Dom Juan que não perdia a oportunidade de cantar vorazmente as mulheres que cruzassem seu caminho. Tudo começa quando, caminhando pelas ruas de Paris, Damien distraído bate a cabeça no poste e acorda em um mundo completamente diferente. O mesmo desmaia e ao acordar percebe que o mundo virou às avessas, Damien passou de caçador à caça, ou seja, seu novo ambiente era o matriarcado.

Para sobreviver, o protagonista teve que se submeter aos ditames dessa sociedade. Passou a andar de bermudas no joelho, depilar o peito, axilas e pernas, a fazer afazeres domésticos, a ser secretário de uma mulher. Já, as mulheres praticam atividades que exigem mais força, sempre exercendo as funções com melhores remunerações, dominando o mercado de trabalho.

Numa outra óptica e atitude, as mulheres passam a olhar para Damien como se ele fosse um objeto sexual, da mesma maneira que o protagonista olhava para as mulheres. Nesse ínterim, ele conhece Alexandra, que pratica boxe e é fã de carros. A jovem já passou por vários relacionamentos, em que os homens eram meros passatempos. Alexandra é considerada uma “devoradora” de homens. A mudança constrange Damien, que agora passa a sentir na pele seu próprio veneno, sua postura machista considerada pela sociedade como normal.

No filme, há inclusive uma cena na qual Damien fica bêbado em um bar e várias mulheres, percebendo a sua vulnerabilidade, o assediam e uma chega a quase estuprá-lo. Ao inverter os papéis, a obra nos faz refletir o quão ridículo são certas situações e condições. Como por exemplo, uma mulher ser contratada para um trabalho intelectual, tendo como base a sua aparência.

Ou mesmo que os homens passem a dançar polly dance, comparando a cena com a objetificação da mulher em nossa sociedade. O filme mostra que as coisas que consideramos “normais”, são na verdade formas de opressão.

O filme enseja uma forma de vingança da inversão dos papéis e lembra que todo masoquista esconde um sádico em si e vice-versa. A moral é que, nem sádicos, nem masoquistas seremos melhor que o outro que diverge de gênero.



Partimos da premissa de que Gênero é uma categoria essencial para refletir sobre discursos, o conceito deve ser pensado numa perspectiva relacional e não essencialista, como propõe Jane Flax (1994). Pois, segundo a autora, “é necessário refletir sobre o que significa “feminino” e o masculino”, já que é através do gênero que se configuram divisões e atribuições diferenciadas e (por enquanto) assimétricas de traços e capacidades humanas.” (FLAX, 1994, p. 228).

Eu não sou um homem fácil (2018), lembra ainda que as ruas são o palco ideal para performances de ruptura da reprodução sistêmica do cotidiano, e “essas ações corporificam, na encenação da experiência urbana, o descarte, por alguns instantes, de controles que tolhem a invenção (e inversão) de posições sociais nos fluxos urbanos” (RIBEIRO, 2010, p.31). E numa luta por igualdade de gênero, todas as pessoas envolvidas devem estar imbuídas de um sentimento comum de assimetria sexual, em que o sexo, a raça, as escolhas, entre outros aspectos, não devem “estar submetidos aos preconceitos de gênero tão limitadores para um como para o outro sexo” (MORENO, 1999, p.69).

Para Stearns (2007, p.31) as civilizações se desenvolveram a partir do contato com outras,

Os contatos, as limitações de trocas, os sistemas e gêneros – relações entre homens e mulheres, determinação de papéis e definições de papéis e dos atributos a cada sexo – forma tomando forma também. Por fim, essa evolução haveria de se entrelaçar com as das civilizações.

Diante disso, o estudo de gênero é fundamental para a formação integral da pessoa humana, pois partindo da leitura consciente da realidade poderá protagonizar a escrita de uma nova história comprometida com a construção de um novo modelo de sociedade que respeita as diferenças de gênero.

Outro filme a ser destacado, também francês, intitula-se: *Se eu fosse homem* de 2017 da autora Audrey Dana, que fala de Jeanne, uma mulher, mãe, recém-divorciada que desiludida e depressiva, acorda certa manhã com um pênis e, chocada, tenta compreender a nova situação e se adaptar a mesma. Antes, achava a vida das mulheres complicada, mas depois de obter o falo, percebe que a vida é complicada para todos, independentemente de sexo e de gênero.

A ação educativa dos filmes, quanto a moral que desejam passar tem por objetivos e valores que todos podem ser alvos e que todos são iguais. Segundo Piletti (2003) “o homem não é um ser passivo. Por isso, perante determinada situação, cada um reage de acordo com

sua escala de valores [...]. Se partirmos de valores diferentes, os objetivos da educação também serão diferentes”. Os objetivos traçados para a ação têm a capacidade de despertar a valorização para as novas configurações de papéis e atributos dos gêneros.

Saviani (1983, p.42) afirma que “[...] poderíamos, pois dizer que a valorização dos papéis é o próprio esforço do homem em transformar-se naquilo que deve ser os objetivos que sintetizam o seu esforço, ou seja, de enquanto homem em transformar-se no que ele deve ser naquilo que é”. Portanto, não pode ser indiferente à formação de valores de gêneros que se impôs e reproduziu ao longo dos séculos, certamente é fundamental a formulação de objetivos que transformem a concepção de gênero *que é* naquilo que deve ser.

Na prática, a capacidade de intervir nas reproduções sociais, culturais e históricas, é fundamental a provocação de consciência do condicionamento imposto e herdado, consciência essa que não deve ser compreendida como alheias ao indivíduo para que o mesmo não se sinta isento da responsabilidade ética, histórica, cultural, política e social (FREIRE, 1996).

Sendo assim, a intervenção nas concepções de gênero torna-se essencial à formação integral do ser humano para que possamos perceber não apenas como pessoa humana condicionada, dentro das limitações sociais e culturais impostas historicamente, mas desenvolva a capacidade de se perceber como ser inacabado e que, portanto pode fazer escolhas e refazer suas concepções. Partindo assim, das concepções refeitas conscientemente para uma nova formação discursiva.

Diversos estudos têm demonstrado que as posições assumidas por homens e mulheres são construídas socialmente e fazem parte de um sistema de representações sobre o masculino e o feminino. A partir da concepção de diferença anatômica e de sexos se construiu estruturas históricas que estabeleceram uma ordem hierarquizada e assimétrica entre os gêneros (BOURDIEU, 2011).

A divisão sexual institui a oposição entre masculino e feminino, levando a naturalização de comportamentos e atribuições que tende a absolutizar a dominação e exploração masculina sobre a mulher. De acordo com Souza (1991), a concepção ideológica e a apropriação do trabalho feminino fazem parte intrínseca do modo de produção capitalista, que por meio do controle social e do lucro, intensifica as desigualdades socioeconômicas.

A realidade da mulher é de desvantagem em relação ao homem dada à discriminação sofrida nas relações de gênero, já que estas se constituem nas próprias relações de poder que organizam a vida pública e privada. Isto se evidencia na inserção da mulher no mercado de

trabalho com diferenças salariais e a feminização de ocupação acompanhada em geral de baixos salários e baixo prestígio. Neste sentido, as relações entre a estrutura da sociedade e os modos de pensamento, forjam identidades definindo um modo masculino e um modo feminino de pertencimento a um extrato social, em que o trabalho feminino, torna-se naturalizado e desqualificado.

Outra trilogia cinematográfica a ser comentada é *Se eu fosse você*, com sua primeira trilogia lançada em 2006, que conta a história de Cláudio (Tony Ramos) e Helena (Glória Pires). O casal está junto há muitos anos e enfrentam a rotina do casamento. Um dia eles são atingidos por um fenômeno inexplicável e trocam de corpos. Apavorados, eles tentam lidar com a situação até encontrar uma solução para reverter o acontecimento bizarro. Mas à medida que vão enfrentando obstáculos, eles passam a aprender e a entender mais sobre o outro.

Mais uma vez, pensamos sobre a desigualdade universal dos papéis sexuais que pode ser vista como conjugação de diferentes fatores dentre estes, biológicos, psicológicos e socioculturais (ROSALDO, 1979). No plano simbólico essa divisão instaura um princípio da inferioridade e de exclusão da mulher, uma dissimetria fundamental para ideologia patriarcal, podendo perpetuar-se ou ser transformada, dependendo das rupturas e das transformações radicais das condições decorrentes das relações de dominação e de poder.

Mas o poder como afirma Foucault (1993) deve ser analisado como algo que funciona em cadeia, nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder. É necessário ter claro que a mulher não se encontra somente no pólo que recebe passivamente a imposição masculina, ela pode resistir e criar contra poderes. A luta das mulheres por igualdade de participação na esfera pública representa resistência às discriminações sofridas e a possibilidade de construção de novas formas de organização da própria sociedade.

A sociedade igualitária prega que é possível, homens e mulheres aprenderem a conviver, respeitando suas diferenças e estabelecendo espaços solidários e de novas identidades “não é possível à reconstrução do feminino sem a correlação e redefinição do masculino” (FREITAS, 1995, p.352). Joan Scott (1989) propõe pensarmos possibilidades inexploradas sobre o “belo sexo”. Explicitando gramaticalmente o significado de gênero, onde as classificações sugerem uma relação entre as categorias que permite distinções ou agrupamentos separados.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em aspecto analítico, a sociedade igualitária e as possibilidades inexploradas do “belo sexo”, esta última proposta por Joan Scott (1989) têm por objetivo compreender a importância dos sexos dos grupos de gênero no passado histórico, dando uma amplitude aos papéis sexuais. E ao inscrever as mulheres na história, implica um alargamento e uma redefinição das noções tradicionais sobre o gênero feminino. Buscar o verdadeiro sentido do eu feminino relacionando-o ao universal. Essa nova história abrirá possibilidades para a reflexão sobre as estratégias políticas feministas atuais e o futuro (utópico), a qual o gênero tem que ser redefinido e reestruturado em conjunto com uma visão de igualdade política e social que inclui não só o sexo, mas também a classe e a raça. Scott (1989, p.1) comenta que,

O gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. As que estavam mais preocupadas com o fato de que a produção concentrava-se sobre as mulheres de forma muito estreita e isolada, utilizaram o termo ‘gênero’ para introduzir uma noção relacional no nosso vocabulário analítico.

Acrescenta que descobrir “a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la (SCOTT, 1989, p.2). Assim, o gênero transformaria fundamentalmente os paradigmas.

Com efeito, uma comparação de uma série de filmes e teorias que abordem as questões de gênero, perante uma noção é a histórica, definindo a categoria mulher/homem, como uma oposição binária ou ainda, não-binária deveria não ser auto reproduzida, mas sim, ser entendida, valorizada como forma de expressão do ser, como forma libertadora do indivíduo que poder ser o que desejar ser e não ser o que os outros querem que ele seja. Revela-se o “Ser o não ser, eis a questão” tão apregoado por Shakespeare em Hamlet. Parece ser uma questão complexa, no entanto, trata-se de algo muito simples, que quer dizer, existir ou não existir. E para existirmos, precisamos ser nós mesmos, termos nossa própria identidade, dispersa de qualquer campo de força ou de desigualdade social. “O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1989, p.14).

Scott (1989, p.14-15) completa que,



O gênero implica quatro elementos relacionados entre si: primeiro- símbolos culturalmente disponíveis [...] segundo – conceitos normativos que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos [...], referencia às instituições e organizações sociais. Esse é o terceiro aspecto das relações de gênero [...] O quarto aspecto do gênero é a identidade subjetiva.

"Ser ou não ser" metaforicamente fala sobre agir, tomar à ação e se posicionar diante dos fatos e acontecimentos. Afinal, o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais, da ação, dos eventos baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero e uma forma primeira de significar as relações de poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Novas e velhas questões apresentam-se neste início de século, no qual ocorrem intensas e velozes mudanças carregadas de historicidade. Desse modo, as diferentes áreas disciplinares de estudo no campo da administração também passam por inquietações, revisões e reformulações, o que não é diferente em relação aos métodos de análises científicas. Butler se propõe aprofundar nos estudos de gênero. Nesse diálogo dos estudos feministas, como propõe o filme *Não sou um homem fácil*, uma questão de interesse nas pesquisas, funda-se nas nossas concepções de constituição de sujeito - sujeitos de gênero, geração, classe, etnia. Como ponto partida, a autora desenvolve de aspectos fundamentais do nosso pensamento, como: contestando à oposição binária sexo-gênero, desconstruindo noções “essenciais” de homem e de mulher, rejeitando o caráter heteronormativo dos discursos tradicionais sobre a sexualidade e empenhando-se em demonstrar o caráter construído das identidades e em enfatizar a dimensão social e política do corpo, da sexualidade e sobre o “o que nos tornamos, que não é o que já somos, pois, o gênero é desalojado do sexo” (BUTLER, 2008, p.139). “Não só somos culturalmente construídos como, em certo sentido, construímo-nos a nós mesmo” (IBIDEM, p.139);

Qualquer semelhança e mera coincidência e no âmbito de obras ficcionais como filmes ou livros, é normal verificar esta frase. Isso significa que mesmo que algum fato ou personagem revelado na obra sejam muito parecidos com elementos da vida real, isso é fruto do acaso e não foi feito deliberadamente.

A busca por uma chance de trabalhar para construir uma realidade por meio da ficção e não meramente por um faz-de-conta é que se indigna com a farsa e se dignifica o ser humano, já que o imaginário proporciona a liberdade do pensar, pensar sobre a obra, sobre o teor da obra e suas conexões com a intersubjetividade, cedendo coragem, a da revelação, não

somente pela mímeses, mas do insight com a realidade de cada um de nós e das nossas escolhas. Os filmes, assim como as artes, contribuem para a maior de todas as artes, a arte de viver, a arte de ser.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BUTLER, Judith. **Variações sobre Sexo e Gênero Beauvoir, Wittig e Foucault**. 1ª edição. Editora Livros Horizonte. Portugal, 2008.

CHEKHOV, Michael. **Para o ator**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FLAX, Jane. **Pós-modernismo e as relações de gênero na teoria feminista**. In: Buarque de Hollanda, H. (Org.). Pós-Modernismo e política, Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Graal 1993.

FREITAS, Rita de C. S, **Serviço Social e Gênero: um diálogo necessário**. In: O SERVIÇO Social frente ao projeto neoliberal. Anais do 8º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. Salvador, Bahia, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. Tradução de Ana Venite Puzatto. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

PILETTI, Claudino. **Didática Geral**. São Paulo: Ática, 2003.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **“Dança de sentidos: na busca de alguns gestos”**. In: JACQUES, Paola Berenstein & BRITTO, Fabiana Dutra. (Orgs.) Corpocidade: debates, ações e articulações. Salvador: EDUFBA, 2010 (p. 24-41).

ROSALDO, Michelle Zimbalast, LAMPHERE Louise. (Coordenadoras). **A mulher, a cultura e a sociedade**. Trad. Cila Anker e Rachel Gorenstein. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SAVIANI, Demerval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez, 1983.



SCOTT, Joan. *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history* (Gênero: Uma categoria útil para análise histórica) New York, Columbia University Press. 1989.

SOUZA, Elisabeth Lobo. **A classe operária tem dois sexos, trabalho, dominação e resistência.** São Paulo, Brasiliense, 1991.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gêneros.** Tradução Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007.p. 31.